



VIVÊNCIA DO SOFRIMENTO MORAL NA EQUIPE DE ENFERMAGEM

Aline Lima Ribeiro (PIBIC/CNPq/Uem), Julia Wakiuchi, Josane Rosenilda da Costa, Michele Cristina Santos Silvino, Catarina Aparecida Sales (Orientador), e-mail: casales@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Biológicas e da Saúde/Maringá, PR.

Ciências da Saúde – Enfermagem.

Palavras-chave: Ética em enfermagem, Estresse psicológico, Esgotamento profissional.

Resumo:

O trabalho na área hospitalar acumula as tensões e dificuldades do cotidiano dos serviços de saúde. A alta demanda de pacientes, a complexidade das relações humanas e dos processos envolvidos com a assistência, expõem os funcionários, especialmente os técnicos de enfermagem, a níveis elevados de sofrimento moral (SM). O estudo objetivou analisar a frequência e intensidade do SM vivenciados pelos técnicos de enfermagem de um hospital de ensino no Paraná. Trata-se de pesquisa do tipo survey, realizada com 95 profissionais atuantes nos setores de internação e atendimento do hospital. Foi aplicado um formulário com questões sociodemográficas e laborais e uma escala de avaliação da frequência e intensidade do SM. Os resultados indicam que as situações que provocam maior frequência de SM se devem às condições de trabalho insuficientes dos profissionais na instituição (1,5 pontos), enquanto que o constructo de maior intensidade foi relacionado à falta de competência da equipe para o trabalho com 2,15 pontos. Conclui-se que os técnicos de enfermagem do hospital convivem de maneira amena com as situações causadoras de sofrimento moral em seu cotidiano, e reconhecem os fatores que lhes causam maior SM no decorrer de sua atuação.

Introdução

O trabalho na área da saúde é envolto por situações que causam estresse e conflitos emocionais, que podem atingir a todos os sujeitos inseridos no processo de cuidado (BRAZIL et al., 2010). O acúmulo de trabalho, somado às tensões do cotidiano podem levar a equipe de saúde ao



seu esgotamento profissional, e conseqüentemente, repercutir em sua atuação como tal (OLIVEIRA et al., 2013). Essas situações afetam substancialmente alguns dos trabalhadores, que passam a experimentar a angústia moral em sua atuação, reconhecida como sofrimento moral (SM) (EPSTEIN; DELGADO, 2010).

O SM nos serviços de saúde transcorre em situações que o indivíduo tem uma posição ética e convicta sobre suas ações cotidianas, mas, por forças dos colegas de trabalho ou da própria instituição, sente-se incapaz de agir como deseja, reconhecendo como imprópria sua participação moral na assistência ao paciente (BARLEM et al., 2013; PIERS et al., 2012). A ocorrência do SM pode comprometer os valores do ser humano, com repercussões biopsicossociais, cognitivas e comportamentais expressas por suas atitudes (HARROING; MILL, 2010).

Diante dessas condições, o estudo suscita o seguinte questionamento: como os técnicos de enfermagem convivem com o SM em seu cotidiano de trabalho? Qual a intensidade deste sofrimento? Portanto, tem-se como objetivo analisar a frequência e intensidade do SM vivenciados pelos técnicos de enfermagem de um hospital de ensino no Paraná.

Materiais e métodos

Trata-se de uma pesquisa do tipo survey. O estudo foi realizado em um hospital de ensino localizado no noroeste do estado do Paraná. Os participantes do estudo foram os técnicos de enfermagem que atuam em unidades de internamento do hospital referido.

A coleta de dados ocorreu no período de agosto de 2014 a fevereiro de 2015, sendo realizadas visitas semanais aos setores de internação da instituição. Como critério de inclusão, o técnico de enfermagem deveria estar presente na escala de trabalho durante o período de coleta de dados, sendo que, do total de 152 servidores atuantes nos setores de interesse para pesquisa, 95 responderam ao questionário. Dessa maneira, foram excluídos os profissionais que se encontravam em período de férias, licença maternidade, afastamento para estudos e atestado médico prolongado.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram dois formulários, um contendo questões relativas à caracterização profissional dos participantes e a escala de Sofrimento Moral (BARLEM et al., 2013). Os dados obtidos foram tabulados no programa Microsoft Excel 2010 e submetidos à estatística descritiva, mediante a utilização de frequências, porcentagens e médias, sem que houvesse inferência estatística sobre os dados.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá, sob o parecer nº.



784.176 (CAAE: 30763714.9.0000.0104). Todos os participantes leram e assinaram o TCLE em duas vias.

Resultados e Discussão

Participaram desta pesquisa 95 técnicos de enfermagem, sendo 88,4% do sexo feminino e 35,8% com idade superior a 41 anos. Em relação ao tempo de trabalho, 25,3% trabalhavam a mais de 21 anos na mesma instituição e 27,3% atuavam em Unidades de Terapia Intensiva. Apesar de possuírem vínculo empregatício em nível técnico, 74,7% possuíam nível superior de estudo e, 46,3% já haviam realizado uma pós-graduação.

No que tange ao SM, evidenciou-se que os técnicos de enfermagem experimentam com frequência as repercussões deste encargo, mas não relatam grande intensidade de seu acontecimento no seu cotidiano. As médias de intensidade variaram entre 1,97 e 3,76 e as frequências de sua ocorrência permaneceram entre 0,78 e 2,39.

Dentre os itens mais frequentes enumerados pelos técnicos de enfermagem em estudo, destacam-se o item: “Não dispor dos equipamentos necessários para o atendimento de urgência ou emergência em um paciente”, com frequência de 3,76 pontos. Este item, alocado no constructo “Condições de trabalho insuficientes”, apesar de se mostrar bastante frequente, revelou uma intensidade de apenas 1,5 pontos.

Outra questão que merece destaque diz respeito ao item “Evitar tomar providência quando percebe o abandono do paciente terminal pela família”, com frequência de 3,32 pontos. Este item, alocado no quesito “Negação da enfermagem como advogada do paciente”, não mostrou intensidade importante, com 1,93 pontos.

As maiores intensidades de SM foram encontradas no constructo “Falta de competência na equipe de trabalho”, que apresentou dois itens com alto nível de intensidade. O item “Trabalhar com enfermeiras que não possuem competência para atuar” apresentou 2,2 pontos, seguido pelo item “Trabalhar com médicos que não possuem competência para atuar”, com 2,15 pontos. Ambos se mostraram frequentes, com média de 3,28 e 3,3 pontos, respectivamente.

A última questão do construto, que se refere ao SM vivenciado em situações do trabalho de um modo geral, obteve médias de 2,91 para frequência e 2,39 para intensidade.

Conclusões

Os resultados da pesquisa permitiram identificar que, os técnicos de enfermagem do hospital de ensino convivem de maneira amena com as situações que desencadeiam SM em seu cotidiano. Foi evidenciada a



existência do SM na rotina diária destes profissionais, sendo possível perceber ainda que, estes compreendem as situações que desencadeiam níveis elevados de SM e sua relação com tais fatores, sejam eles voltados para o paciente ou recursos humanos e físicos. No entanto, estas questões não interferiram assistencialmente em sua atuação.

Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pela concessão de bolsa de Iniciação Científica – PIBIC a uma das autoras do trabalho.

Referências

BARLEM, E. L.; LUNARDI, V. L.; LUNARDI, G. L.; TOMASCHEWSKI-BARLEM, J. G.; SILVEIRA, R. S.; DALMOLIN, G. L. Sofrimento moral em trabalhadores de enfermagem. **Revista latino-americana de enfermagem**, Ribeirão Preto, v.21, n. espec., 9 telas, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/52929/56916>>. Acesso em: 16 abr. 2015.

BRAZIL, K.; KASSALAINEN S. K.; MARSHALL, D. Moral distress experienced by health care professionals who provide home-based palliative care. **Social Science & Medicine**, Oxford, v. 71, n. 9, p. 1687-1691, 2010.

EPSTEIN, E. G.; DELGADO, S. Understanding and addressing Moral Distress. **OJIN: The Online Journal of Issues in Nursing**, v.15, n.3, 2010. Disponível em: <<http://www.medscape.com/viewarticle/737893>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

HARROWING, J. N.; MILL, J. Moral distress among Ugandan nurses providing HIV care: a critical ethnography. **International Journal of Nursing Studies**, Oxford, v.11, n.3, p.51-54, 2010.

OLIVEIRA, J. A. S.; ALCHIERI, J. C.; PESSOA JÚNIOR, J. M.; MIRANDA, F. A. N.; ALMEIDA, M. G. Representação social de enfermeiros acerca do estresse laboral em um serviço de urgência. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v.47, n.4, p.984-989, 2013.

PIERS, R. D.; DEWITTE, M.; STEEMAN, E.; VLERICK, P.; BENOIT, D. D.; NOORTGATE, N. V. D. End-of-life care of the geriatric patient and nurses' moral distress. **Journal of the American Medical Directors Association**, Hagerstown, v. 13, n. 1, p. 80-7, 2012.